

Coisas para fazer

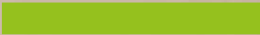
nacidade@timeout.com



Dada (2018),
de Sabrina Belouaar

Março, marçagão, tanta exposição

Com o novo mês, chegam novas exposições para ver nas cidades de Lisboa e Porto. *Ana Patrícia Silva* e *Joana Moreira* dão uma ajuda com um guia do que não pode mesmo perder nos próximos tempos.



Europa Oxalá

Como descolonizar as artes? Como retratar o passado colonial? E como criar para o futuro? Estas são algumas das questões levantadas em “Europa Oxalá”, a nova exposição da Fundação Calouste Gulbenkian, com curadoria de António Pinto Ribeiro e dos artistas Katia Kameli e Aimé Mpane.

No catálogo que acompanha a exposição, António Pinto Ribeiro, um dos comissários e investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, escreve que “não haverá processo de descolonização dos museus se não houver um processo de descolonização do mundo”. Até lá, o caminho faz-se dentro de uma galeria em que as paredes envidraçadas convidam a olhar para o exterior. “A arte está no mundo, não está fechada em nenhuma caixa branca”, justifica o curador numa visita guiada que arranca com *Dada* (2018), uma escultura de Sabrina Belouaar em que dois punhos parecem estar a soltar-se de um cinto.

No total são 21 artistas, com diferentes linguagens, todos criados num contexto

pós-colonial, muitos com origens familiares no continente africano. Aimé Mpane, Aimé Ntakiyica, Djamel Kokene-Dorléans, Mohamed Bourouissa, Kati Kameli e Sara Sadik são alguns deles. Mas também “há artistas que não têm nenhuma experiência biográfica relativamente a África, não tendo pais nem avós nem familiares, contudo, os seus trabalhos sobre as questões pós-coloniais fizeram com que eles se aproximassem destes temas”, esclarece Pinto Ribeiro, que quis ainda desmontar a ideia “racista de que os artistas afro-europeus trabalham apenas a partir do artesanato”. A diversidade dos meios prova-o: a artista francesa Sara Sadik, por exemplo, apropria-se do formato dos videojogos para criar uma história de amor dos tempos modernos, em *Khtobtogone* (2021).

Em “Europa Oxalá”, o presente e as vivências misturam-se com as memórias, apelando à urgência de pensar uma Europa pós-migratória. As obras “têm esta dimensão das linguagens europeias artísticas e, ao mesmo tempo, a expressão das memórias, daquilo que de alguma forma herdaram de formas difusas



*La Lupara (2020),
de Pedro A.H. Paixão*

dos seus pais e avós”, explica. Reconhecendo a importância do passado para repensar todas estas questões, os comissários querem ressaltar a importância de mostrar, mais do que um novo olhar sobre o passado, um olhar que pousa também no futuro.

Entre as 60 obras da mostra está um globo terrestre iluminado em movimento. “Quando mostramos um globo a uma criança, o que é que ela faz? Gira-o. Isto é uma forma infantil de ver o mundo”, descreve o autor, Fayçal Baghriche. Aqui, não é preciso imprimir força para fazer a Terra andar às voltas. A obra, *Souvenir* (2009), gira graças a um motor no seu interior, a uma velocidade que esbate as cores e dilui as fronteiras entre países. “Só vemos o globo enquanto planeta azul”, descreve este artista argelino residente em Paris.

Fotografias de objectos aleatórios ocupam outra das paredes da galeria: um sapato, uma carteira, uma cassete, uma ventoinha. A artista portuguesa com origem angolana Mónica de Miranda assina *Contos de Lisboa* (2020), um conjunto de imagens de objectos recolhidos junto à Estrada Militar, onde populações africanas se instalaram depois da ditadura.

“O Arquivo Fotográfico de Lisboa convidou-me a expor as fotografias com que eu tinha documentado alguns bairros que tinham desaparecido. Ou seja, há uma cidade que já

não existe: 6 de Maio, Azinhaga dos Besouros, tenho fotografias de uma cidade que já não encontramos”, explica. → **Fundação Calouste Gulbenkian. Edifício Sede – Galeria Principal (Lisboa). Até 22 Ago. Qua-Seg 10.00-18.00. 5€**

Frida Kahlo, a vida de um ícone

Muitos artistas deixam a sua marca no mundo através dos quadros que pintam, das músicas que cantam ou das palavras que escrevem. Mais raros são os que vão mais além, que entrançam a sua vida com a sua obra e se confundem com ela, eternizando-se pela sua própria imagem. Frida Kahlo é uma das raras figuras que transcendeu o estatuto de artista para se tornar um ícone. Exorcizou as suas dores nos seus quadros, suportando o sofrimento ao transformá-lo em arte, e assim se tornou uma das artistas mais influentes de todos os tempos.

O trajecto da sua vida é contado numa experiência imersiva que chega agora a Portugal – a 10 de Março no Porto e a 29 de Setembro em Lisboa – e que resulta de uma parceria do atelier OCUBO com a Fundação Frida Kahlo Corporation, a galeria Ideal Barcelona e o estúdio criativo Layers of Reality. “Frida Kahlo, a vida de um ícone” é uma exposição biográfica e interactiva com recurso